

A drogadição e o consumo de merla na adolescência

Silvana Baumgarten*

Resumo

O presente artigo é parte de nossa tese de doutoramento em psicologia, realizada na Universidade de Brasília. Apresenta-se no texto o significado da drogadição, numa perspectiva relacional, no contexto da adolescência, momento em que se dá o encontro do sujeito com o produto. Foram entrevistados 13 adolescentes usuários ou abusadores de merla do Distrito Federal, inseridos num contexto institucional de tratamento ou assistência. Aborda-se inicialmente a questão da adolescência e como se dá o encontro com as drogas neste estágio do ciclo de vida familiar. Procura-se entender o significado do uso de drogas para esses jovens usuários/abusadores de merla. Analisa-se também a especificidade do uso da merla na vida desses jovens, procurando-se entender o porquê do uso de uma droga tão nociva e de grande potencial de dependência.

Palavras-chave: adolescência, drogadição, merla.

Introdução

Esta investigação aborda a drogadição na adolescência, mais especificamente o adolescente usuário de merla. Pensa-se na drogadição como um sintoma individual, familiar e social, uma dificuldade que não pode ser reduzida apenas ao nível individual, nem apenas ao nível da sociedade. Vivemos numa sociedade de imensas desigualdades sociais e injustiças, indivíduos ao desespero e que os induz a saídas mágicas.

O uso de uma substância tóxica como a droga não deve ser banalizado, nem dramatizado. Simplificar esse uso, percebendo-o apenas como uma espécie de ritual de passagem, ou, pelo contrário, diabolizá-lo como uma doença incurável, nos deixa paralisados, impotentes e longe das possíveis soluções. É preciso assumir uma postura científica, inserindo essa problemática como uma questão de saúde pública (Sudbrack, 2001).

Numa perspectiva sistêmica e compartilhando as posições de Sudbrack e Costa (1992) e Sudbrack (1997), entende-se a drogadição na adolescência como expressão de

necessidade de mudança. Defende-se ainda a posição de que o uso da droga é um sintoma e não uma doença em si, considerando que a demanda dos jovens pelas drogas representam um ato em busca de solução para suas dificuldades.

Compartilha-se a posição desta autora quando defende que o jovem não deve ser visto como delinqüente ou como doente, mas como agente de mudança, que vive num processo de constante reflexão sobre suas experiências, com capacidade de avaliar as conseqüências de seus atos, de fazer opções e tomar decisões, tornando-se mais fortalecido para negociar regras, tolerar frustrações, respeitar as diferenças e construir o caminho de sua autonomia.

Também pensa-se que o sintoma da drogadição pode ser encarado mais como uma resposta perante algo do que como um problema em si mesmo. Na perspectiva de Bulacio (1992) a drogadição aparece na vida e na experiência das pessoas como uma solução. O autor a considera como uma resposta, como um objeto para conduzir uma mensagem, para denunciar a falha de um sistema.

A sintomatologia do indivíduo é também considerada em seu significado dentro da família e do meio social. Não se concentra apenas no indivíduo; a perspectiva amplia-se e inclui os sistemas ao qual ele está inserido. Em vez de se buscar o entendimento apenas para o usuário de drogas, deve-se privilegiar também o contexto em que se manifesta o sintoma: a família, o grupo de pares, a instituição.

Considera-se a adolescência como uma fase muito rica em possibilidades, fase de desabrochamento, de mudanças que pedem mudanças. Será que o maior consumo de drogas na sociedade atual também é uma mudança que pede mudança? Será que podemos ler a drogadição como resposta a um problema?

Esse período é visto como uma etapa do ciclo de vida familiar (Carter et al., 1995). Nessa etapa, podem aparecer sintomas, como a drogadição, considerados um sinal, uma mensagem (Ausloos, 1982, 1983, 1995). O sintoma torna-se uma linguagem, uma modalidade de comunicação de que o adolescente faz uso para comunicar a necessidade de mudanças em seu sistema familiar.

A partir desse referencial teórico de base, pode-se situar a questão inicial desta investigação: a drogadição pode ser encarada como uma resposta encontrada pelo jovem?

* Professora titular III do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo (RS); doutora em Psicologia pela

Como entender o que se passa com esse sujeito, sem deixar de percebê-lo também em sua condição de ser social? Como se aproximar de um fenômeno tão complexo como a adolescência e a drogadição?

Os sujeitos da pesquisa foram 13 adolescentes, usuários e/ou dependentes de merla inseridos dentro de um contexto familiar e institucional, e familiares de 7 adolescentes. Os adolescentes foram selecionados a partir dos critérios: estar internado ou em tratamento para a drogadição, ser usuário ou dependente de merla.

Dentre os adolescentes e jovens entrevistados, residentes no Distrito Federal, 4 têm de 13 a 18 anos, e 9, de 19 a 31 anos; 11 são do sexo masculino, e 2, do sexo feminino. Todos são usuários ou dependentes de merla, divididos em 3 grupos de inserção: 4 adolescentes em situação de rua, internados numa instituição de assistência; 6 em tratamento, internados ou participantes de grupos de uma instituição ligada ao Amor Exigente (grupo de auto-ajuda e comunidade terapêutica); e 3 em tratamento, internados numa clínica particular.

Utilizou-se de uma entrevista semi-estruturada que abordou as categorias previamente elaboradas, dividindo-as em dois grupos: os adolescentes em situação de rua e os adolescentes em tratamento. Foram construídos dois roteiros para as entrevistas, baseados na literatura estudada e na inserção da pesquisadora nas instituições, e referentes aos dois grupos supracitados.

As entrevistas com os adolescentes foram realizadas nas instituições onde faziam tratamento e/ou estavam internados e duraram em média 90 minutos. Com exceção de um caso, eles retornaram para uma ou duas entrevistas complementares. Os familiares foram entrevistados em suas residências ou na instituição onde o filho fazia tratamento, conforme a conveniência e disponibilidade dos mesmos. As entrevistas com estes últimos duraram em média 120 minutos. Também eles regressaram para uma ou duas entrevistas complementares, quando necessário.

As entrevistas se deram em forma de diálogo, procurando estabelecer um ambiente de livre expressão das idéias, através de um clima favorável de confiança, de empatia, de vínculo e de motivação. A pesquisadora abordou as categorias temáticas, respeitando o encadeamento da fala dos entrevistados e as especificidades de cada caso. A flexibilidade

do roteiro e a atitude empática da pesquisadora permitiu a ocorrência de diferentes perguntas e de informações não previstas. Pode-se dizer que essas atitudes conferiram um caráter clínico às entrevistas.

Para o entendimento do processo, trabalhou-se com a observação participante nas instituições, onde o instrumento foi o diário de campo dentro da perspectiva etnográfica (Malinowski, 1990). Esse diário é sistematicamente elaborado durante todo o processo de pesquisa de campo, e nele registram-se minuciosamente as observações e os comentários do pesquisador. A observação foi utilizada, também, nos grupos de adolescentes usuários de merla, nas reuniões terapêuticas, nas atividades de grupo, no cotidiano institucional. Entende-se a observação participante no sentido que refere Schwartz, apud Minayo, (1992): um processo no qual o observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, colhe informações. O observador é parte do contexto sob observação, modificando-o e sendo modificado por ele, simultaneamente.

O uso de drogas no contexto da adolescência

Os adolescentes entrevistados iniciaram o uso de drogas na infância ou na adolescência (entre 10 e 18 anos), o que corrobora os dados da literatura. A adolescência e o encontro com as drogas parece ter uma associação evidente. Muitos autores, entre eles Morel, Hervé e Fontaine (1997); Boutillier (1992); Colle (1996); Stanton e Todd(1982); Stanton et al. (1988), Garcia (1997); Cirillo, et al. (1997); Prata, Felice e Bruno (1996), apontam essa correlação entre a adolescência e a primeira experiência com as drogas.

Cabe perguntar por que o primeiro contato com as drogas ocorre nessa fase ou até antes dela. O que se passa nesse ciclo de vida que torna o sujeito tão vulnerável ao uso de drogas?

Alguns autores se referem à adolescência como uma etapa de crise em que o adolescente busca sua identidade, descrita como: um período agitado e cheio de conflitos (Erickson, 1976); fase de incertezas e angústias (Morel, Hervé e Fontaine, 1997); fase de extrema sensibilidade e labilidade emocional (Caldeira, 1991); fase de imaturidade e necessidade de proteção (Winnicott, 1981); período de revolta, de oposição, de colocar em causa os valores dos adultos (Gervais, 1994).

É provável que essa crise da adolescência não seja igual para todos, potencialmente. Alguns adolescentes podem passar por essa fase tão rica da vida com mais tranquilidade.

Concorda-se com Colle (1996) quando este refere que deve-se cuidar para não restringir e estigmatizar o adolescente às suas bizarras comportamentais e físicas, imobilizando-o a seus níveis nosográficos, que não permitem dar conta da singularidade de suas experiências, num contexto cultural e histórico.

Falar somente da crise de adolescência com a confusão da imagem corporal e da fase de revolta, de provocação e de depressão parece uma visão incompleta. A adolescência, como coloca González Rey (1995), é o período mais sensível e complexo do desenvolvimento humano. Período de vida rico, livre, exaltante, idade das paixões, em que o jovem vive uma ligação passional com a vida – ligação perigosa, mas também criadora (Vieytes-Schmitt, 1991).

No contexto da presente investigação compartilha-se com autores que consideram a adolescência como fase de grandes aquisições e desenvolvimento qualitativo, mas que também pode ser uma passagem difícil e cheia de conflitos para muitos jovens. Nessa fase, podem aparecer as primeiras experiências com as drogas (mesmo se dentre os tantos que experimentam poucos se tornam drogaditos). O que se passa com os jovens, que procuram nas drogas respostas e alívios às suas angústias?

Nosso estudo revela que, se é verdade que alguns adolescentes encontram respostas para suas questões e angústias no seu ambiente e nas suas relações, outros, no entanto, não as encontram. No caso dos sujeitos desta pesquisa, os adolescentes entrevistados revelam ter procurado nas drogas as respostas e o alívio dessas angústias.

Gervais (1994) coloca que o adolescente em dificuldades se exprime por meio de sintomas e que na impossibilidade de comunicar suas dificuldades aos pais, aos adultos, aos educadores, utilizam outra linguagem, aquela das queixas somáticas, da delinquência, do suicídio e da toxicomania. Nessa perspectiva, a drogadição coloca-se com valor de passagem ao ato que possui uma significação, a ser investigada no âmbito da subjetividade de cada indivíduo consumidor. A droga é vista também como recurso de integração ao grupo de pares, como alternativa na falta de outras atividades prazerosas.

Além da busca de alívio para os sofrimentos, a curiosidade é destacada, igualmente, pelos adolescentes entrevistados, como um dos motivos que os levaram a experimentar as

drogas. A droga, como algo proibido, diabolizada ou exaltada, serve como objeto de satisfação dessa curiosidade, de experimentação, de extrapolação e de busca de novos limites e sensações. A difusão exagerada de imagens negativas pode aumentar a fascinação pelas drogas (Salazar, 1998).

Morel, Hervé e Fontaine (1997), em suas práticas clínicas, encontraram três ordens de motivações para o uso de drogas: aliviar a dor – física e psíquica – e a angústia; proteger-se contra dificuldades da vida; afastar a ameaça desenvolvida nas relações com os outros. As drogas têm essas propriedades, reais ou ideais, de trazer respostas a todos os tipos de aflições e necessidades. Elas intervêm sobre a gênese dos afetos e das emoções internas ligadas aos contatos sociais e satisfazem vários registros de necessidades ao mesmo tempo: excitação psicocorporal e descarga sensorial; desapego de uma parte da realidade; anestesia de um sofrimento interno; risco e ultrapassagem de fronteiras (Morel, Hervé e Fontaine, 1997).

Nowlis (1987) aponta cinco efeitos importantes buscados no consumo de substâncias psicoativas – tratando-se em todos os casos de modificar a sensação, o humor ou a percepção. As modificações buscadas/procuradas consistem em: aliviar a dor; reduzir uma atividade ou sensação desagradável ou indesejável; aumentar o nível de atividade e a sensação de energia e de eficácia, reduzindo a sensação de fadiga, depressão e sonolência; modificar a percepção e orientação do eu, perante o meio físico e social; atingir diversos níveis de embriaguez, de atordoamento, de euforia.

Funções e significados da droga para o adolescente

O estudo revela que os adolescentes geralmente iniciam o consumo com drogas mais leves, características da fase de experimentação. As drogas de início são os inalantes e a maconha, mas também a merla pode aparecer nessa categoria. A maconha é a mais citada como droga de iniciação, apesar de a cola ser a mais comum, entre os adolescentes em situação de rua.

No levantamento do Cebrid, sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua, de 1997, os solventes aparecem como as drogas de início mais citadas entre

os usuários, com exceção do Rio de Janeiro, onde a maconha ocupa o primeiro lugar (Noto, Nappo e Galduróz, 1998).

De acordo com o mesmo levantamento, entre estudantes de primeiro e segundo graus, nas principais capitais brasileiras, os solventes aparecem como a droga de maior uso na vida, sendo ultrapassado pela maconha apenas em Porto Alegre (Galduróz, Noto e Carlini, 1997).

Em todos os casos do presente estudo, aparece uma escalada gradual para drogas mais duras. Os adolescentes em situação de rua iniciam com inalantes e passam para a maconha e a merla; os demais geralmente iniciam com a maconha, usando após uma grande variedade de drogas, como medicamentos e chás, e por fim a cocaína, o LSD e a merla.

A utilização das drogas aparece neste estudo com uma característica a ser destacada: o poliuso, isto é, os adolescentes entrevistados usam várias drogas, concomitantemente ou em momentos diferentes, numa escalada para drogas cada vez mais duras. Esse poliuso é justificado, pelos sujeitos, por motivos diversos: surtir a droga que o grupo de pares está usando o efeito desejado ou procurado; obter um equilíbrio entre os efeitos ou obter novas sensações.

Este trabalho nos permitiu confirmar, também, um outro aspecto já remarcado na literatura, que analisa as toxicomanias atuais como distintas das toxicomanias clássicas, em que os sujeitos iniciavam o uso mais tardiamente, usavam somente uma substância psicoativa e, no geral, eram integrados socialmente. As toxicomanias de hoje, de acordo com Colle (1996), se caracterizam pelo uso cada vez mais precoce entre os jovens, que usam várias drogas de forma sucessiva ou simultânea.

Chama a atenção o fato de que para todos os sujeitos desta pesquisa a primeira experimentação ocorreu por influência do grupo de pares, seja num contexto de intimidade familiar (irmãos, primos), seja num contexto de sociabilidade externa à família (amigos, conhecidos).

Sabe-se o quanto os grupos de pares são importantes na vida do adolescente, e esse aspecto é bem trabalhado pelos estudiosos da adolescência. Morel, Hervé e Fontaine (1997) afirmam que o pertencimento aos grupos de pares é uma necessidade que se aprofunda na

adolescência. Bozhovich (1985) coloca que para o adolescente a opinião e a valoração dos companheiros têm mais importância que a dos pais e professores.

Cabe aqui considerar que o grupo, com suas regras e hierarquias, com um valor de iniciação e com a possibilidade de estimular a independência e autonomia do jovem, traz pontos de referência e uma vertente socializadora para o adolescente.

Sobre esse aspecto Selosse (1995) refere que na adolescência o indivíduo procura, no exterior do sistema familiar, as respostas às suas necessidades de afirmação, de afiliação, de diferenciação, de autonomização e de identificação, e é através de condutas interativas que os jovens exprimem essa necessidade de se inscrever em situações e fazer seu lugar. Assim, os grupos de pares se constituem em lugares e formas de pertencimento e de referência para os adolescentes.

Sem dúvida, esses grupos são importantes porquanto proporcionam um lugar e espaço de aprendizagem, crescimento, conhecimento de si mesmo e dos outros, o que auxilia nessa busca de identidade. Sobre isso, Nowlis (1987) coloca que nos grupos o jovem aprende a entrar em relação com pessoas exteriores à família, a tomar o caminho da independência, procurar sua identidade, colocar em prova o que sabe, e atinge a compreensão de si mesmo e dos outros, a intimidade, a partilha.

Embora os grupos de pares auxiliem o jovem em seu desenvolvimento e supram várias de suas necessidades, é fundamental que se questione sobre a iniciação ao uso de drogas no contexto desses grupos.

Nowlis (1987) aponta o fato de que os grupos de pares podem empurrar o jovem a experimentar e a sentir as mesmas sensações. Isso indica a importância das pressões sociais como fator de indução ao consumo de drogas.

Para os adolescentes entrevistados, o uso de drogas foi apontado como um valor de vinculação aos seus pares, um recurso encontrado por eles para pertencer a um grupo. Fazendo algo juntos, como a transgressão compartilhada do uso de drogas, conseguem a pertinência e a possibilidade de se igualar aos pares e adquirir uma identidade grupal. Assim, o uso de drogas estaria propiciando uma melhor interação com os pares, uma cumplicidade e um sentimento de maior intimidade com os outros.

Pode-se inferir também que pertencer a um grupo de pares seja uma tentativa de rompimento com a infância e com a dependência infantil em relação aos pais. Assim, a

entrada no grupo de pares, facilitada pelo uso de drogas, pode ser considerada uma busca de individuação, de independência e de afirmação de si, isto é, de sua identidade.

Morel, Hervé e Fontaine (1997) falam do uso de drogas como desafio e provocação aos adultos e como uma forma de ruptura com a imagem da infância. E Nowlis (1987) afirma que por meio dele o jovem espera uma melhor interação entre si e os pares. Espera também compreender melhor quem e o que ele é, no fundo de si mesmo, e como ele aparece aos outros.

Ranchin (1998) fala da necessidade do adolescente de ultrapassar a si mesmo, para alcançar o conhecimento de si ou aquilo que gostaria de ser. Aqui, vislumbra-se o valor do uso de drogas como estratégia comportamental de exploração (Morel, Hervé e Fontaine, 1997). As falas dos adolescentes entrevistados relatam esse aspecto de busca de novas sensações e exploração de limites, em que procuravam: ter sensações diferentes e perturbação dos sentidos, não raciocinar, só vivenciar a viagem ou sentir sempre algo mais.

Depois de um tempo de uso, isto é, à medida que se conhecem as drogas e seus efeitos, elas começam a assumir também outras funções: proporcionar prazer, diversão; aumentar o desempenho em certas atividades, como o trabalho; aliviar sofrimentos; apaziguar sensações consideradas indesejáveis ou desagradáveis; alterar os estados de consciência, possibilitando a fuga da realidade e a extrapolação dos limites. Ocorre, assim, a escolha de drogas de acordo com a função ou efeito procurado e desejado, geralmente um efeito positivo e agradável. Por exemplo, a merla é usada para evitar o sono e a fome; a cola também inibe a fome; e a maconha, ao contrário, é muitas vezes evitada por provocar muita fome. Ou seja, a droga tem um valor adaptativo e funcional, que passa a justificar e sistematizar seu uso.

Os adolescentes entrevistados colocam que buscavam nas drogas experimentar novas sensações, sentir “algo mais”, ser diferentes, obter alívio de angústias e sofrimentos, afastar pensamentos ruins, preencher um vazio, encontrar amigos e namoradas. Isso está de acordo com Nowlis (1987), que afirma persistir o uso da droga por ela necessariamente cumprir uma ou várias funções e responder a certas necessidades.

Interessante o aspecto mencionado por alguns dos adolescentes entrevistados, de buscar nas drogas o aumento de capacidades e eficácias. Ramírez (1994) é da opinião de que os atuais consumidores de drogas pretendem, mais do que afastar-se da realidade em

busca de mundos inteligíveis, aumentar seu poder e eficácia sobre o mundo imediato que os rodeia, esforçando-se por obter e manter um determinado *status*.

Numa sociedade que dá grande valor ao êxito e ao triunfo pessoal, o uso da droga parece ser um dos recursos para alcançar esse êxito e progresso, ou talvez, também, para afastar as frustrações geradas pelo insucesso. Miguel (1997) lança a hipótese do uso de drogas como válvula de escape de uma sociedade competitiva, restando àqueles que não triunfam a compensação do insucesso com esse consumo.

Ramírez (1994) também refere que o consumidor de substâncias psicoativas busca uma excitação de sua sensibilidade para alimentar idéias fusionais, megalomaníacas, ânsias de poder e triunfo que negam, no plano do desejo, a miséria provocada pela cotidiana frustração.

O consumo de drogas, na medida em que elas atuam sobre as sensações e os afetos e propiciam contatos sociais, inicialmente não é vivenciado como um problema, mas como uma solução encontrada pelo usuário. Essa idéia é compartilhada por diversos autores, como Samaniego e Schürmann (1999), Garcia (1994), Sudbrack (1992, 1997), Colle (1996), e Bulaccio (1992).

Embora o uso atual da droga possa ser associado a um ritual de passagem e a um ritual de melhor conhecimento de si, sobressai o seu caráter consumista, alienador e destrutivo entre os jovens que se tornaram dependentes.

Garcia (1997) refere que o consumo atual da droga, em nada se assemelha ao caráter sagrado que recebeu em outros momentos históricos. Havia algo de transcendente e de sagrado no uso de drogas. Os homens a usavam com finalidades medicinais, religiosas ou simplesmente prazerosas. O uso era sempre codificado por ritos (religiosos, medicinais ou sociais), ou seja, era uma utilização restrita a uma cosmovisão mágica e religiosa da vida (Morel, Hervé e Fontaine, 1997; Neri Filho, 1996; Yaría, 1993; Ramírez, 1994; Salazar, 1998).

Mesmo havendo um abismo entre o uso ritual de outrora e o consumo atual de drogas, Ramírez (1994) traz a questão de que o uso de drogas cumpre um papel de mediador social, articulado a práticas cotidianas e a um universo de crenças.

Para esse autor, a droga não é só um tóxico capaz de prejudicar a saúde dos indivíduos. É também, e sobretudo, um produto cultural cujo uso nos aproxima de certas

práticas valorativas, permitindo-nos modificar a sensibilidade e a imaginação, a fim de produzir mudanças na percepção que temos de nós, dos outros e do entorno.

A proibição pela sociedade também tem por efeito suscitar os jovens a experimentar a droga ou a se impor o consumo: fumar um baseado torna-se sinal de desafio aos adultos, transgressão da lei, tomada de risco e também demanda de reconhecimento pelo grupo de pares (Valleur e Jérôme, 1997; Ranchin, 1998).

As categorias de motivações para o consumo de drogas acima mencionadas também dizem respeito aos adolescentes em situação de rua; no entanto, para estes, percebem-se algumas especificidades. A droga surge-lhes, antes, como um ritual de entrada e de integração ao grupo de pares na rua. Os próprios adolescentes atribuem o uso e a continuidade deste à imposição do grupo, sendo, portanto, algo tácito, inquestionável e reconhecido como parte da cultura e da regra grupal. Colocam que para sobreviver nas ruas é necessário pertencer a um grupo e que existem regras para entrar e permanecer no grupo: usar drogas, roubar ou matar.

Assim, a droga aparece também como um recurso para vinculação, porém mais numa relação de submissão ao grupo. Como coloca Sudbrack (1998), o consumo de drogas constitui um ritual de pertencimento com significado de inserção, de aceitação (ou submissão) das regras e da cultura do grupo de pares. Para os adolescentes em situação de rua, a droga surge posteriormente a tal situação, surge em função dessa situação de vida, surge como recurso de pertencimento e de sobrevivência nas ruas.

Silva et al. (1991) colocam que o uso de drogas por essa população é um recurso para mantê-los longe da percepção de sua realidade, que os levaria a um estado depressivo. Os autores abordam algumas situações relatadas pelas crianças em situação de rua, nas quais elas recorrem ao uso de drogas: circunstâncias de extrema ameaça, tanto exteriores (jurados de morte, perseguidos), como internas (angústia, percepção da situação pessoal como irremediável); circunstâncias que lhes exigem algo sentido como acima de suas capacidades; necessidade de criar um momento grupal de prazer e divertimento.

Cabe salientar que a situação de rua surge muito cedo na vida desses jovens (no caso dos entrevistados, dos 9 aos 14 anos), ainda durante a infância ou no início da adolescência; diabolizada ou exaltada, essa situação para eles se prolonga por anos.

Estar em situação de rua é vivenciado de forma ambivalente pelos adolescentes. Por um lado, há dificuldades, sofrimentos, estigmatizações, mas, por outro, há a liberdade, a independência, a diversão, os vínculos de amizade e de identidade.

Carvalho, César e Leal (1995) colocam que a rua em si não representa o lado mau do processo de socialização de crianças e adolescentes, esse lado é representado por contextos particulares que a cercam, como a repressão, a violência, a exploração, a estigmatização, entre outros. No entanto o espaço de rua também emerge com seu lado lúdico, de brincadeiras e jogos.

Pode-se considerar que a rua é também um espaço de socialização e de vínculos, onde os grupos de pares parecem suprir necessidades afetivas e de (a)filiação. Os adolescentes em situação de rua entrevistados falam dos “irmãos de rua” – colegas com os quais eles possuem um vínculo afetivo e de amizade mais estreito. Silva et al. (1991) referem que o “irmão de rua” é aquele com quem se estabelece uma relação afetiva e igualitária. Andam juntos, roubam juntos e, pelo vínculo afetivo, têm uma ligação diferenciada com relação aos que não são considerados “irmãos”. Os adolescentes entrevistados demonstram esse vínculo grupal mais estreito, quando colocam que têm a sua turma de rua, que ficam sempre juntos e fazem tudo juntos.

Estar em situação de rua é também uma luta pela sobrevivência: praticam pequenos furtos (camelôs, supermercados, carrinhos de cachorro-quente, roupas em varais) e roubos, como toca-fitas de carros, geralmente à noite; pedem esmolas; realizam pequenos tráficos (geralmente cola) e fazem bicos como vigiar carros em estacionamentos. Silva et al. (1991) colocam que para as crianças e adolescentes em situação de rua roubar é uma qualidade positiva, é uma forma de preservar sua dignidade, pois roubar para sobreviver os diferencia dos mendigos, vistos como o “fim da linha”, que pedem esmolas e comem lixo.

Assim, na rua eles se envolvem com atos infracionais e têm a droga como algo que passa a fazer parte de sua cultura.

O uso de drogas, pelos adolescentes entrevistados em tratamento, ocorre em várias situações e lugares, e pode ser em grupo ou não. Colocam, por exemplo, que usam as drogas nas horas vagas, ao andar de bicicleta, para sair, para ir a festas, quando encontram os amigos. Parecem relacionar essa prática com as afirmações de Nowlis (1987), que aborda alguns fatores necessários ao uso de drogas, como: que ela esteja disponível; que as

circunstâncias autorizem sua utilização sem perigo, ao menos aos olhos do utilizador; e que este tenha amigos que se drogam.

O encontro com a merla, formas de uso e efeitos

Existem três métodos correntes de administração da cocaína. Ela pode ser inalada, fumada ou injetada por via endovenosa. Washton (1989) coloca que a cocaína em pó não pode ser fumada de forma eficiente, porque se decompõe quando exposta ao calor. Assim, ela é fumada através de seus derivados: crack, pasta de coca (“basuco”) e merla. Esta última é uma droga com especificidade regional, isto é, é mais consumida e freqüentemente encontrada na região Centro-Oeste, principalmente, no Distrito Federal.

A cocaína é um alcalóide tirado das folhas do arbusto *Erythroxylon coca*, dos Andes sul-americanos. Aquela que se vende no mercado negro é um pó branco, cristalino e inodoro (cocaína clorídrica), de uso nasal, subcutâneo ou intravenoso (Morel, Hervé e Fontaine, 1997; Washton, 1989).

A pasta de coca ou “basuco” é uma substância pastosa, produzida a partir da maceração das folhas de coca com uma série de solventes e outras substâncias químicas, como querosene, gasolina, bicarbonato de sódio, soluções ácidas. É usada de forma fumada (Leite, 1999; Washton, 1989).

O crack é obtido pela fusão de um catalisador (éter ou hidróxido de sódio) à cocaína clorídrica. O precipitado é filtrado e secado, dando origem a uma base livre – cristais chamados de crack, pelos estalidos que emitem quando fumados. É usado geralmente de forma fumada, mas também pode ser injetado (Morel, Hervé e Fontaine, 1997; Roques, 1999).

A merla é uma droga derivada da cocaína, estimuladora do sistema nervoso central, de ação rápida e mais poderosa que a cocaína hidrocloreídrica. É considerada uma variante da pasta básica da cocaína, uma vez que é obtida por um novo processamento desta última através do acréscimo de mais reagentes químicos. As características físicas da merla são semelhantes às da pasta de coca, e seus efeitos, semelhantes aos provocados pela pasta básica e pelo crack (Fonseca e Issy, 1997).

Os adolescentes entrevistados descrevem a merla como um subproduto da cocaína, feito a partir de sua borra, isto é, do resíduo que sobra quando do seu refino. Relatam que a merla consumida no Distrito Federal já vem pronta da Colômbia, mas há também a fabricação dela em “laboratórios de fundo de quintal”, em cidades-satélites do Distrito Federal. Nesses laboratórios a merla é produzida a partir da pasta básica da cocaína, ou da própria cocaína, geralmente pela adição de produtos químicos, como querosene, gasolina, benzina, metanol, ácido sulfúrico. Outras substâncias também podem ser usadas a fim de aumentar a quantidade da droga e dar a “liga”, como cal virgem, pó de mármore, maisena, talco, entre outros. Cabe colocar que essas substâncias também são adicionadas à merla que já vem pronta, com o objetivo de aumentar a quantidade da droga a ser vendida e/ou consumida.

Os adolescentes entrevistados iniciaram o uso de merla precocemente, isto é, durante a infância ou a adolescência. Atribuem, em sua maioria, a iniciação do uso à curiosidade e à influência do grupo de pares, em que a merla representa uma droga nova, diferente, mais forte para ser experimentada. Apenas para um dos adolescentes entrevistados (entrevistado 7) a merla foi a droga de iniciação.

A merla pode aparecer como droga de iniciação ou como consequência do poliuso e da escalada para drogas cada vez mais duras. É uma das drogas de maior preferência entre os adolescentes: 8, entre os 13 entrevistados, colocam-na como droga preferida e, conseqüentemente, como a mais usada.

No caso específico dos adolescentes em situação de rua a merla surge também por influência, e mesmo por imposição do grupo de pares, como continuidade da submissão às regras do grupo.

Sua utilização ocorre sobretudo em função de um de seus efeitos: o de tirar o sono, que parece facilitar a permanência dos usuários nas ruas durante a noite, permitindo-lhes perambular, cometer furtos ou manter-se em vigília para não serem presos pela polícia.

Chama a atenção a preferência pelo subproduto, em lugar do produto em si, que talvez esteja ligada à via de administração da droga. Sendo fumada os efeitos são mais rápidos e mais intensos, apesar de mais breves – o que contribui para o uso compulsivo. Washton (1989) lança uma hipótese para a preferência dos consumidores pela cocaína fumada: talvez por ser o fumador de cigarros tão normal em nossa sociedade e pelo fato de

a maconha ter sido considerada como menos perigosa que outras drogas ilegais. Muitas pessoas acreditam que fumar uma droga não pode ser tão nocivo como injetá-la. Os adolescentes não fizeram referência a esse respeito, e nenhum deles usou drogas injetáveis.

Leite (1999) coloca que uma vez associado o uso endovenoso de drogas com a infecção do vírus HIV, o consumo de cocaína fumada surge como uma alternativa de potência similar e ausência de riscos de infecção. Essa pode ser uma das alternativas usadas pelos usuários que optam pela cocaína fumada, embora não a consideremos adequada à redução de riscos.

Usa-se a merla, misturada ao tabaco (cigarro comum) ou à maconha. Os adolescentes em situação de rua fumam-na quase que exclusivamente com cigarro comum, por ser mais barato. Pode ser consumida tanto em grupo como individualmente, na rua ou em casa (no caso de adolescentes em tratamento), e é importante a preferência pelo seu uso à noite. Pode-se inferir que, pelo fato de fumarem a merla na rua, a noite proporciona alguma proteção, além de ser o momento da festa e dos encontros, enfim, da vida noturna em si. Os adolescentes em situação de rua ressaltam o receio de dormir à noite, alegando que é perigoso, e o uso da merla é um dos recursos encontrados para mantê-los acordados.

Foi encontrada uma diversidade de possibilidades quanto aos efeitos da merla entre os jovens, que os classificam desde muito agradáveis até desagradáveis. Os adolescentes entrevistados referem como agradáveis os efeitos de euforia, excitação e agitação. Esses efeitos são semelhantes aos proporcionados pela cocaína: euforia, hiperestimulação, redução da fadiga, sensação de competência intelectual acrescida, e um forte sentimento de estar mais alerta e de maior energia (Morel, Hervé e Fontaine, 1997; Roques, 1999; Washton, 1989).

Como efeitos desagradáveis esses adolescentes referiram: sensações de angústia, ansiedade e até de desespero.

A merla é apontada, por eles, como uma droga que causa grande fissura, uma fissura maior que a causada pelas outras drogas utilizadas, o que aumenta consideravelmente o risco do abuso e da instalação da dependência. Silva e Odo (1999) colocam que os efeitos prazerosos da cocaína, principalmente a fumada, são seguidos de ansiedade, disforia, sonolência, depressão e paranóia, e que, apesar desses efeitos negativos, há intenso desejo de reutilizar a droga. Talvez até para neutralizar esses efeitos desagradáveis.

O crack também é apontado, na literatura, como uma droga que causa grande fissura. Roques (1999) coloca que essa droga, sendo fumada e provocando efeitos euforizantes intensos, aumenta consideravelmente a probabilidade de evolução em direção a um consumo compulsivo. Segundo o autor, o crack fumado é absorvido através da membrana dos alvéolos pulmonares, que representa uma superfície de contato de aproximadamente 50 metros quadrados. Penetra na circulação arterial e atinge o cérebro em 6 a 7 segundos, provocando efeitos euforizantes imediatos e muito intensos.

Morel, Hervé e Fontaine (1997), Salazar (1998), Leite (1999), Silva e Odo (1999), Queiroz e Andrade (1999), Focchi et al. (1999), e Washton (1989), em consonância com a nossa pesquisa, referem que os consumidores de crack e de pasta básica, devido a seus efeitos euforizantes intensos e breves, desenvolvem rapidamente padrões de uso compulsivos, aumentando o potencial de dependência da droga.

Outra semelhança entre os efeitos da merla e da cocaína, além dos euforizantes, é o advento da paranóia, de delírios persecutórios, relatados pelos adolescentes entrevistados:

“Com a merla eu ficava alerta, cuidando todos os barulhos, se eu ouvia qualquer coisa já achava que era a polícia [...] Me sentia assustado...”; “o efeito da merla é parecido com o da cocaína [alegria, excitação], só que também dava medo [...] pensava que estava sendo perseguido”.

Morel, Hervé e Fontaine (1997) e Roques (1999) colocam que, tomando doses fortes e aproximadas de cocaína, o consumidor pode ser induzido a estados paranóides. Todavia, com a merla, esses delírios parecem ser uma constante, isto é, ocorrem inevitavelmente e aparecem rapidamente após o uso. Existem ainda outras similaridades entre os efeitos da merla, do crack e da pasta básica (outras formas de a cocaína ser fumada): os fumantes de cocaína podem ser vítimas de depressão, paranóia e irritabilidade, aspecto já assinalado por Minayo (1997).

Assim como o efeito, a duração deste também é variável. Os adolescentes entrevistados se referem a minutos ou horas. A durabilidade parece depender de muitos fatores, como: características individuais, contexto de uso, expectativas, forma de uso, qualidade da droga. Quando fumada com maconha, a cocaína produz efeito prolongado e, quando fumada com tabaco, produz uma fissura maior. Silva e Odo (1999) colocam que o

tempo de ação da cocaína é variável, dependendo da via de absorção e da quantidade da substância. Assinalam que a cocaína fumada provoca efeitos dentro de segundos (8 a 12), permanecendo de 10 a 20 minutos.

O uso abusivo da merla e as complicações decorrentes

Destacamos algumas complicações decorrentes do uso abusivo da merla, entre os adolescentes entrevistados, que demonstram o quanto o uso/abuso de uma droga “pesada” como a merla pode ser perigoso e problemático, tanto nos aspectos físicos da dependência, quanto no comprometimento do comportamento, que remete à violência e à marginalidade.

a) A compulsividade/dependência rápida

Os resultados da pesquisa demonstram que a merla é uma droga que ocasiona a compulsividade do uso e a rápida instalação da dependência. Os adolescentes entrevistados usam-na freqüentemente, de forma compulsiva e em grandes quantidades. O uso compulsivo e freqüente parece estar associado à fissura causada por ela, devido à intensidade e efemeridade dos efeitos euforizantes proporcionados.

De acordo com Washton (1989), o estado de elevação proporcionado pelo crack dura pouco, de dois a cinco minutos, após os quais o ânimo do consumidor diminui rapidamente, o que leva a um desejo intenso de mais droga. Assim, continua o autor, os fumadores de crack encadeiam seus consumos até que suas reservas acabem, e esse excesso de consumo dura horas ou mesmo dias. Com a merla, percebem-se semelhanças, como colocam os adolescentes entrevistados:

“Eu sentia muita alegria, bem forte [...] Vontade de gritar, correr, mas passava logo e sentia o medo” [entrevistado 1]; “Depois que experimentei a merla, passei a usar muito [...] todas as noites e usava a noite inteira. Quando se começa a usar, não se consegue mais parar. Usava muito, toda a que eu conseguisse comprar ou a que eu tinha. A gente usa a merla até acabar, e acabar o dinheiro para comprar” [entrevistado 3]; “Usava muita, umas quatro ou cinco latinhas por vez, e usava até acabar [...] Eu fumava a noite inteira, não sentia nem fome, nem sono, só a fissura de continuar usando” [entrevistado 7].

Outros autores, como Focchi et al. (1999) e Leite (1999), também abordam a intensidade e efemeridade da ação da cocaína fumada, que levam ao uso compulsivo e em maiores quantidades da droga. Silva e Odo (1999) atribuem à merla, ao crack e à pasta de coca as mesmas características.

b) A prática de atos infracionais e a inserção na delinquência

O uso abusivo da merla facilita grandemente, entre os adolescentes, a prática de atos infracionais que os inserem na delinquência. Na pesquisa realizada percebe-se que a fissura e compulsão ao uso influenciam grandemente o cometimento de atos infracionais como meio de conseguir dinheiro para a droga. É referido pelos adolescentes entrevistados, por exemplo:

“Eu roubava mais para conseguir dinheiro para comprar a merla.” [entrevistado 1]; “eu fazia de tudo para ter dinheiro para comprar a merla: traficava e roubava [...] fui preso várias vezes [...] o cara faz qualquer coisa para conseguir a merla, quando está usando” [entrevistado 3]; “Por causa da merla fiz coisas que nunca imaginei que faria [...] roubei e assaltei de arma na mão” [entrevistado 8].

Assim, o uso abusivo da merla, mais que o das outras drogas, tem a característica de incitar o envolvimento dos usuários com infrações.

Nesse sentido, os resultados desta pesquisa corroboram os de outros autores, como Morel, Hervé e Fontaine (1997); Scivoletto e Andrade (1999); Nappo (1999), que apontam o risco de envolvimento dos abusadores de drogas com atos infracionais.

Morel, Hervé e Fontaine (1997) apontam uma forte relação de causalidade entre drogas e delinquência. Referem, também, envolvimento dos usuários com o tráfico de drogas, geralmente participando dos escalões mais baixos do tráfico, o que lhes permite ter o produto em quantidade e com preço menor, e revendê-lo mais caro.

O isolamento afetivo e social também é marcante. Os adolescentes abusadores de merla passam a se relacionar somente com pessoas ligadas à droga, se afastando de outras relações, como família, amigos, escola, trabalho. O entrevistado 5 fala de seus amigos que eram viciados em merla:

“Eu via meus amigos que eram viciados na merla e estavam acabados, abandonavam tudo: escola, família, trabalho, amigos, e só pensavam na droga. Eles ficavam isolados do grupo. A única fissura deles era a merla. A tribo que só usava maconha e ácido era mais amiga, mais unida, conversavam mais.”

O entrevistado 13 fala de sua situação por ser dependente de merla: “Perdi tudo [...] perdi coisas [...] carro, dinheiro, a namorada, perdi a confiança dos meus pais, da família, dos amigos...”

Além do envolvimento com infrações, em que os adolescentes e familiares entrevistados relatam roubos, assaltos, tráfico, o consumo da merla ainda ocasionou na vida desses jovens: a situação de rua, a prostituição, prisões, o envolvimento com gangues, o aumento dos conflitos relacionais na família, o abandono da escola e até riscos de vida.

Colle (1996) coloca que o abuso de drogas e a delinquência estão ligadas esquematicamente segundo cinco seqüências:

- a delinquência precede a adição;
- a adição se inscreve na continuidade da delinquência;
- a adição precede a delinquência;
- a delinquência se inscreve na continuidade da adição;
- adição e delinquência coincidem no tempo.

De acordo com esse autor, alguns jovens não são delinquentes unicamente porque são obrigados a roubar, revender, se prostituir para pagar o consumo de drogas. São etiquetados de delinquentes antes de serem designados toxicômanos. Quando se tornam toxicômanos, eles apenas transferem e aperfeiçoam suas aprendizagens anteriores adquiridas com a desviança.

Percebe-se que na maioria dos casos estudados nesta pesquisa a drogadição precede a delinquência. O comportamento transgressivo surge como uma das complicações decorrentes do abuso da merla. Para ilustrar, apresenta-se o caso do entrevistado 8 (19 anos, internado na comunidade terapêutica por ordem judicial). Os familiares colocam que morou na rua por mais de três meses, dormindo embaixo de pontes. Para conseguir a droga ele roubava, assaltava, traficava e se prostituía com homossexuais. Foi preso várias vezes por assalto ou por tráfico de drogas.

No entanto, em outros casos estudados, a drogadição e a delinquência parecem acontecer ao mesmo tempo. Como ilustração temos o caso do entrevistado 10. Este fazia

parte de uma gangue de traficantes de uma cidade-satélite do Distrito Federal. Durante uma briga de gangues por um ponto de venda de drogas, foi baleado pela primeira vez (nas costas). Na segunda vez, levou um tiro no rosto, saindo de casa, e segundo a mãe quase morreu, pois perdeu muito sangue.

Percebe-se assim a complexidade da relação entre o abuso de drogas e a delinquência.

c) O envolvimento com a prostituição

Quanto à questão da prostituição, cabe ressaltar que as duas adolescentes entrevistadas colocam que nunca recorreram a ela para obter a droga. Sobre essa questão, Morel, Hervé e Fontaine (1997) assinalam que, contrariamente ao prejudicado, a prostituição não é o meio mais corrente nas mulheres toxicômanas para obter dinheiro; trata-se apenas de uma possibilidade.

A prostituição com homossexuais é referida pelo entrevistado 8 e seus familiares. O adolescente fazia ponto no Plano Piloto, onde trocava o sexo com homens por dinheiro ou pela própria droga.

d) Prejuízos à saúde física

Constatarem-se na presente pesquisa sérios prejuízos à saúde física dos adolescentes abusadores de merla. Eles admitem que o uso abusivo da merla ocasiona problemas físicos e de saúde, como emagrecimento excessivo – ficam dias sem se alimentar adequadamente quando estão usando –, e problemas pulmonares (dores e tosse). O emagrecimento, de acordo com Fonseca e Issy (1997), constitui um dos principais indicadores do abuso da merla.

Leite, Segal e Cabral (1999) se referem a problemas pulmonares causados especificamente pela via fumada de cocaína (crack, merla ou pasta básica). Os pulmões dos usuários apresentam capacidade reduzida, e, portanto, maior dificuldade de realizar o transporte de oxigênio para o sangue. Outro quadro descrito pelos autores é o “pulmão do crack”, que se caracteriza por dores no peito, falta de ar e tosse sanguinolenta. Para ilustrar essas consequências, apresentam-se algumas falas dos entrevistados:

“Eu usava merla à noite e no dia seguinte acordava com muita dor de cabeça [...] tinha também muitas dores nas costas, e o pulmão ficava pesado.” [entrevistado 1]; “Quando se usa merla, não se sente frio nem fome [...] daí emagrece muito [...] já tive tosse e dores de garganta.” [entrevistado 3]; “Sentia muitas dores no

pulmão, também amortecimento nos dentes, na língua e na garganta [...]. Eu tinha uns amigos viciados na merla, e eles usavam com uma frequência alucinante e emagreciam muito” [entrevistado 5].

e) Comprometimento com a vida de rua

O abuso da merla agrava a situação de rua dos usuários, que tendem a ficar mais tempo nas ruas do que na família ou nas instituições.

“Eu ficava mais tempo na rua, sem ir para casa, depois que comecei a usar a merla. E quando eu ia para casa brigava mais com minha mãe e meu padrasto.” [entrevistado 1]; “Quando estou usando a merla, não vou para casa [...] fico muito mais tempo sem aparecer em casa, porque fico usando todas as noites” [entrevistado 3].

f) Trajetórias: do consumo da merla ao mundo do tráfico

Percebe-se no depoimento dos jovens entrevistados que o abuso da merla conduz fácil e quase inevitavelmente à inserção no tráfico de drogas, no qual se inserem como “passadores” e/ou pequenos traficantes da droga. Esse dado corrobora o que coloca Salazar (1998), segundo o qual muitos consumidores de drogas se convertem em traficantes, para conseguir as drogas de que necessitam.

Lamperti, apud Salazar (1998), refere que, dentro das organizações criminais, essa é uma solução ótima para os problemas de distribuição capilar e, paralelamente, para a promoção do consumo de drogas. As organizações nem sequer necessitam criar uma rede numerosa e, dessa maneira, também descarregam nos toxicodependentes quase todos os riscos do tráfico.

Outro aspecto interessante apontado pelos adolescentes entrevistados é que, apesar de fazerem parte da rede de distribuição da droga, eles dizem não saber como ocorre o tráfico de drogas no Distrito Federal. Aqui se levantam duas questões: a rede de distribuição das drogas está cada vez mais complexa e diversificada, tornando-se cada vez mais invisível aos olhos da sociedade e dos próprios adolescentes consumidores. Salazar (1998) aborda essa questão, assinalando que os jovens são o elo mais débil na espiral da violência engendrada pelo tráfico. Enfatiza ainda a miopia para entender seus processos de operação. Em segundo lugar, levanta-se a questão da cultura do silêncio e de condutas de proteção inerentes a esse contexto.

Abstract

The present article is part of our thesis of doctorament in psychology, carried through in the University of Brasilia. We will present the meaning of the drug addiction, in a relational perspective, in the adolescence context, in the very moment in which the subject faces the product. Thirteen using or abusers of merla of the Federal District had been interviewed, inserted adolescents in an institucional context of handling or assistance. We will approach initially the question of the adolescence and as if he gives the meeting with the drugs in this period of training of the cycle of familiar life. He looks himself to understand the meaning of the use of drugs for these young users of merla. The especification of the use of merla is analyzed, also, in the life of these young, looking itself to understand because of the use of one it drugs so harmful and of great potential of dependence.

Keywords: adolescence, drug addiction, merla.

Referências

- AUSLOOS, G. La dimension familiale dans l'alcoolisme et les autres drogues. *Les Cahiers du Great*, v. 2, p. 5-36, 1982.
- AUSLOOS, G. Délinquance et therapie familiale: le double-lien scindé therapeutique. *Bulletin de Psychologie: Comportements Delictueux*, Paris, Tome 36, n. 359, p. 217-223, jan./abr. 1983.
- AUSLOOS, G. *La compétence des familles: temps, chaos, processus*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 1995. 173p.
- BOUTILLIER, H. La toxicomanie à l'adolescence. In: GRAMMER, C. et al. *L'adolescence, crise familiale: therapie familiale par phases*. Tolouse: Éres, 1992. p. 111-130.
- BOZHOVICH, I. *La personalidad y su formación na edad infantil*. Havana: Pueblo y Educación, 1985. 369p.
- BULACCIO, B. Família e a clínica da drogadição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 8, p. 459-467, 1992. Suplemento.
- CALDEIRA, Z. F. Prevenção ideal versus prevenção possível. In: BAPTISTA, M.; INEM, C. (Org.). *Toxicomanias: abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. p. 81-87.
- CARTER, B. et al. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Trad. M. A. V. Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 510p.

CARVALHO, D. B. B.; CÉSAR, M. A.; LEAL, M. L. P. A criança e o adolescente em situação de rua no Distrito Federal. *Debate Social – Crianças e Adolescentes*, Brasília, ano 1, n. 1, p. 3-52, jun. 1995.

CIRILLO, S. et al. *La famille du toxicomane*. Paris: ESF, 1997. 232p.

COLLE, F. X. *Toxicomanies, systemes et familles: où les drogues rencontrent les émotions*. Paris: Érès, 1996. 262p.

ERICKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FONSECA, M. A.; ISSY, J. Merla. In: OLIVEIRA, C. R. M.; FONSECA, M. A. *Consumo de drogas no Distrito Federal: caracterização da clientela atendida pelo S.O.S. Drogas/Conen-DF 1996/1997*. Brasília: Exata, 1997, p. 69-75.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo, 1997.

GARCIA, S. I. Perdas e danos: violência e a subjetividade do usuário. In: BAPTISTA, M.; INEM, C. (Org.). *Toxicomanias: abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997, p. 25-31.

GERVAIS, Y. *La prévention des toxicomanies chez les adolescents*. Paris: L'Harmattan, 1994. 217p.

GONZÁLEZ REY, F. *Comunicación, personalidad y desarrollo*. Havana: Pueblo y Educación, 1995. 142p.

LEITE, M. C. História da cocaína. In: LEITE, M. C. et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 15-23.

LEITE, M. C.; SEGAL, A.; CABRAL, A. C. J. Complicações médicas do consumo de cocaína. In: LEITE, M. C. et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 97-110.

MALINOWSKI, B. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 39-61.

MIGUEL, N. Toxicodependência: a prevenção é possível. In: BAPTISTA, M.; INEM, C. (Org.). *Toxicomanias: abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. p. 67-73.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992. 269p.

MINAYO, M. C. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. In: BAPTISTA, M.; INEM, C. *Toxicomanias: abordagem multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997. p. 33-41.

MOREL, A.; HERVÉ, F.; FONTAINE, B. *Soigner les toxicomanes*. Paris: Dunod, 1997. 365p.

NAPPO, S. A. Análise qualitativa do uso de cocaína: um estudo em São Paulo. In: LEITE, M. C. et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 205-226.

NERI FILHO, A. Preconceitos e conceitos sobre drogas. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Drogas, aids e sociedade*, p. 26-32, 1996.

NOTO, A. R. et al. *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua de seis capitais brasileiras-1997*. São Paulo: Confen, 1998. 120p.

NOWLIS, H. *La drogue demythifiée*. 3.ed. Paris: Unesco, 1987. 99p.

PRATA, L.; FELICE, M.; BRUNO, S. Familles avec une drogue: analyse de leurs dynamiques selon une optique systémique. *Thérapie Familiale*, Genève, v. 17, n. 1, p. 115-125, 1996.

QUEIROZ, S.; ANDRADE, A. G. Uso de cocaína entre estudantes universitários. In: LEITE, M. C. et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 175-183.

RAMÍREZ, L. C. R. *La droga en el espejo de la cultura*. 2.ed. Santa Fé de Bogotá, Colômbia: Guadalupe, 1995. 74p.

RANCHIN, B. Les conduites à risques, rites initiatiques ou visites ordaliques. *EMPAN*, n. 30, p. 13-18, jun. 1998.

ROQUES, B. *La dangerosidade des drogues*. Paris: Editions Odile Jacob, 1999. 316p.

SALAZAR, A. *La cola del lagarto: drogas y narcotráfico en la sociedad colombiana*. Medellín, Colômbia: Corporación Región, 1998. 236p.

SAMANIEGO, M.; SCHÜRMANN, A. M. L'écoute des familles face à la menace de toxicodépendance de l'adolescent. *Thérapie Familiale*, Genève, v. 20, n.1, p. 39-49, 1999.

SCIVOLETTO, S.; ANDRADE, E. R. A cocaína e o adolescente. In: LEITE, M. C. et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 137-153.

SELOSSE, J. *Adolescence, violences et déviations (1952-1995)*. (Directions de Jaques Pain et Loïch – M. Villerbu). Vigneux: Editions Matrice, 1997. 493p.

SILVA, A. S. et al. Observações sobre o universo mental das crianças de rua. *ABP-APAL*, v. 13, n. 3, p. 85-96, 1991.

SILVA, O. A.; ODO, S. A. Toxicologia da cocaína. In: LEITE, M. C. et al. *Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 79-95.

STANTON, M. D. et al. *Terapia familiar del abuso y adicción a las drogas*. 2.ed. Buenos Aires: Gedisa, 1988. 341p.

STANTON, M. D. & TODD, T. Compte-rendu: toxicomania, alcoolismos e therapie familiale em 14-15 de novembro de 1981, em Bruxelas – informação. *Thérapie Familiale*, Genève, v. 3, n. 3, p. 285-287, 1982.

SUDBRACK, M. F. O.; COSTA, L. F. Contribuição da abordagem sistêmica no trabalho com crianças e adolescentes. *Cadernos da C. B. I. A*, 1992.

SUDBRACK, M. F. O. Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda. In: MACEDO, R. M. (Org.). *Família e Comunidade (Coletâneas da ANPEPP)*, São Paulo v. 1, n. 2, 1997. 136p.

SUDBRACK, M. F. O. Situações de risco à drogadição entre adolescentes no contexto de baixa-renda: os paradoxos e as possibilidades da família. *Ser Social* 3, Brasília, n. 3, p. 219-243, jul. dez. 1998.

SUDBRACK, M. F. O. Terapia familiar sistêmica. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. J. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 403-415.

VALLEUR, M.; JÉRÔME, E. Les adictions et la métaphore ordalique. *Adolescence*, v. 15, n. 2, p. 67-81, 1997.

VIEYETES-SCHMITT, C. L'adolescence: temps des passions. *Thérapie Familiale*, Genève, v. 12, n. 2, p. 121-133, 1991.

WASHTON, A. M. *La adicción a la cocaína: tratamiento, recuperación y prevención*. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1995.

WINNICOTT, D. *Realidad y juego*. Buenos Aires: Gedisa, 1981.

YARÍA, J. A. *A existência tóxica*. São Paulo: Loyola, 1995.